



**●
ESCÂNDALO
DO COMPORTAMENTO
EVANGÉLICO**

POR QUE OS CRISTÃOS ESTÃO VIVENDO
EXATAMENTE COMO O RESTO DO MUNDO?

RONALD SIDER

●
ESCÂNDALO
DO COMPORTAMENTO
EVANGÉLICO

POR QUE OS CRISTÃOS ESTÃO VIVENDO
EXATAMENTE COMO O RESTO DO MUNDO?

Tradução

Jorge Camargo



Editora Ultimato
Viçosa, MG

O ESCÂNDALO DO COMPORTAMENTO EVANGÉLICO
Categoria: Vida Cristã / Liderança / Igreja

Copyright © 2005, Ronald J. Sider
Publicado originalmente por Baker Books,
a division of Baker Publishing Group,
Grand Rapids, Michigan, 49516, EUA

Título original: The Scandal of the Evangelical Conscience
Todos os direitos reservados

Primeira edição: Dezembro de 2006
Coodenação editorial: Bernadete Ribeiro
Tradução: Jorge Camargo
Revisão: Daniela Cabral
Heloisa Wey Neves Lima
Capa: Panorâmica Com&Mkt

Os textos das referências bíblicas foram extraídos da
Nova Versão Internacional, da Sociedade Bíblica Internacional,
salvo indicação específica (RA – Revista e Atualizada)

Ficha Catalográfica Preparada pela Seção de Catalogação
e Classificação da Biblioteca Central da UFV

Sider, Ronald J., 1939-

S568e
2006

O escândalo do comportamento evangélico : por que os
cristãos estão vivendo exatamente como o resto do mundo? /
Ronald J. Sider ; tradução Jorge Camargo. – Viçosa, MG:
Ultimato, 2006.

144p.

Título original: The scandal of the evangelical conscience :
Why are christians living just like the rest of the world?

ISBN 85-86539-98-8

978-85-86539-98-5

1. Evangelismo – Estados Unidos. 2. Igreja e o mundo.
I. Título.

CDD. 22.ed. 277.3

PUBLICADO NO BRASIL COM AUTORIZAÇÃO
E COM TODOS OS DIREITOS RESERVADOS PELA

EDITORA ULTIMATO LTDA
Caixa Postal 43
36570-000 Viçosa, MG
Telefone: 31 3891-3149 — Fax: 31 3891-1557
E-mail: ultimato@ultimato.com.br
www.ultimato.com.br

SUMÁRIO

Introdução	11
1. A profundidade do escândalo	17
2. A visão bíblica	31
3. Graça barata <i>versus</i> o evangelho todo	55
4. Conformando-se à cultura ou tornando-se igreja	85
5. Raios de esperança	123
Notas	135

*À memória de minha mãe e de meu pai,
Ida e James Sider,
que viveram aquilo que pregaram.*

AGRADECIMENTOS

SEM MEU EX-ALUNO Brent D. Miller, este livro provavelmente não teria sido escrito. O conceito básico ficou "passeando" em minha cabeça por vários anos. Mas o projeto só começou a deslanchar quando Brent fez um excelente trabalho de pesquisa, fonte de vários dados estatísticos que uso no capítulo 1. Mais tarde, quando finalmente decidi escrever este livro, Brent concordou de bom grado em fazer uma pesquisa complementar. Dois outros alunos da graduação, Robin Weinstein e Chris Klopp, também deram valiosa ajuda.

Como em todos os meus projetos de literatura nos últimos vinte anos, minha assistente Naomi Miller deu-me seu apoio extraordinário. Agradeço em especial a todos os companheiros que tornam possíveis o ministério *Evangelicals for Social Action* (Evangélicos em prol da Ação Social) e o *Sider Center on Ministry and Public Policy* (Centro Sider de Ministério e Política Pública), do Seminário Eastern. E, finalmente, a todos os meus colegas do Seminário Eastern e da Universidade Eastern, instituições que continuam sendo um lar maravilhoso para todo o meu trabalho.



INTRODUÇÃO

ERA UMA VEZ UMA GRANDE religião que, com o passar dos séculos, se espalhou por todo o mundo. Mas nos lugares onde ela existia por mais tempo, seus adeptos foram aos poucos se tornando complacentes, mornos e céticos. Aliás, muitos líderes dos grupos mais antigos chegaram até mesmo a rejeitar publicamente algumas de suas crenças mais fundamentais.

Em resposta, surgiu um movimento de renovação, apoiando de maneira apaixonada os clamores históricos da velha religião e convidando entusiasticamente os não-cristãos de todo o mundo a abraçar a fé antiga. Rejeitando o ceticismo dos líderes que já não acreditavam mais no Deus que faz milagres, integrantes do movimento de renovação argumentavam com veemência que seu Deus não apenas realizou milagres no passado, como também ainda transformava de maneira milagrosa aqueles que passavam a crer. O cerne da pregação desse grupo era um "novo nascimento",

radical e miraculoso, que dava início a uma renovação e transformação moral profunda e definitiva. Com o tempo, o movimento de renovação floresceu de tal maneira que tornou-se um dos braços mais influentes da religião como um todo.

Não é surpresa o fato de que os números do movimento de renovação se traduziram em influência política. E o movimento tinha tanta confiança em suas crenças e afirmações que persuadiu os líderes da nação a fazer o governo trabalhar lado a lado com as organizações religiosas envolvidas com serviços sociais, a fim de resolverem juntos os graves problemas do país. Os adeptos do movimento de renovação sabiam que, na maioria das vezes, a miraculosa transformação moral de caráter acontecia quando pessoas quebrantadas abraçavam a grande religião. Eles também se uniam a políticos para fortalecer a definição tradicional de casamento, pois seus textos antigos ensinavam que a aliança vitalícia entre um homem e uma mulher é o cerne do propósito do Criador para a família.

Logo os pesquisadores começaram a fazer pesquisas de opinião. A despeito das afirmações ufanistas dos integrantes do movimento de renovação sobre a transformação miraculosa, as pesquisas mostravam que os adeptos do movimento se divorciavam e batiam em suas mulheres tanto quanto seus vizinhos seculares. Eram tão materialistas quanto seus amigos pagãos e até mesmo mais racistas que eles. Frente a essa hipocrisia gritante, os cétricos mais radicais riam de prazer cínico. A população em geral estava confusa e enojada. Muitos líderes do movimento de renovação simplesmente entravam no ritmo de seus programas promocionais, agora muito bem-sucedidos e altamente sofisticados. Outros choravam.

Infelizmente, hoje essa é quase a mesma situação do Ocidente, ou no mínimo do evangelicalismo na América do Norte.

O comportamento escandaloso tem destruindo rapidamente o cristianismo norte-americano. Em suas atividades diárias, muitos "cristãos" traem com frequência. Com os lábios afirmam que Jesus é Senhor, mas com os atos demonstram lealdade ao dinheiro, ao sexo e a seus interesses pessoais.

Os resultados de pesquisas conduzidas por institutos de pesquisas respeitados, como o Gallup e o Barna Group, são chocantes. "Gallup e Barna", lamenta o teólogo evangélico Michael Horton, "apresentam resultados de pesquisas e mais pesquisas mostrando que os cristãos evangélicos estão a ponto de assumir estilos de vida tão hedonistas, materialistas, egoístas e imorais quanto os do mundo em geral".¹ Nos Estados Unidos, o divórcio é *mais* comum entre cristãos "nascidos de novo" que entre a população em geral. Apenas 6% dos evangélicos são dizimistas. Os evangélicos brancos têm *mais* tendência a discriminar seus vizinhos de outras raças. Josh McDowell destaca que a promiscuidade sexual da juventude evangélica é apenas um pouco menos ultrajante que a dos jovens não-evangélicos.

Alan Wolfe, famoso estudioso contemporâneo e diretor do Centro Boisi para a Religião e a Vida Pública Americana, publicou um estudo detalhado da vida religiosa nos Estados Unidos. Os evangélicos aparecem com destaque em seu livro. Para Wolfe, o evangelicalismo atual exhibe "um desejo tão forte de se amoldar à cultura das redes hoteleiras e da música popular que perde a distinção religiosa que já teve".² O autor argumenta que "há uma diferença cada vez menor entre uma atividade essencialmente secular, como a da

indústria do entretenimento popular, e os esforços do tipo 'traga-os para dentro a qualquer custo' das mega-igrejas evangélicas".³

Não é surpreendente a conclusão de George Barna: "A cada dia, a igreja tem se tornando mais e mais como o mundo que ela supostamente busca mudar".⁴ Segundo Barna, temos pouco tempo para reverter essas tendências. Professor e famoso estudioso de missões, o africano Lamin Sanneh disse à revista *Christianity Today*: "O cativo cultural do cristianismo no Ocidente é quase completo e, com a religião domesticada, a temporada de caça à herança cristã ocidental está aberta. Eu temo por um Ocidente sem um centro moral e enfrentando um islamismo politicamente ressurgente".⁵

Nossa primeira preocupação, é claro, deve ser a integridade interna, e não o perigo externo. Que tragédia é para os evangélicos declarar com orgulho que a conversão pessoal e o novo nascimento em Cristo são fundamentais em sua fé e ao mesmo tempo desafiar os padrões morais bíblicos ao viver quase tão pecaminosamente quanto seus vizinhos pagãos.

Graham Cyster contou-me uma triste experiência que ele viveu quando lutava contra o *apartheid* como jovem evangélico sul-africano. Certa noite ele visitou às escondidas uma cela comunista subterrânea de jovens que lutavam contra o *apartheid*. "Fale-nos sobre o evangelho de Jesus Cristo", eles pediram, como se buscassem uma alternativa à violenta estratégia comunista que haviam abraçado.

Graham fez uma exposição clara e convincente do evangelho mostrando como a fé pessoal em Cristo transforma as pessoas de maneira maravilhosa e forma uma

nova comunidade, onde não há judeu ou grego, homem ou mulher, rico ou pobre, preto ou branco. Os jovens ficaram fascinados. Um deles, de 17 anos, exclamou: "Isso é maravilhoso! Mostre-me onde posso ver isso acontecendo". Graham fez uma expressão de desapontamento e respondeu que não podia pensar em nenhum lugar na África do Sul onde os cristãos estivessem verdadeiramente vivendo a mensagem do evangelho. "Então tudo isso é um monte de m...", retrucou o jovem com raiva. Um mês depois ele deixou o país e juntou-se à luta armada contra o *apartheid* — dando, por fim, a vida pelas suas convicções.

O jovem estava certo. Se os cristãos não vivem aquilo que pregam, a mensagem como um todo torna-se uma farsa. "O cristianismo norte-americano fracassou grandemente desde meados do século 20" — conclui Barna — "porque os discípulos de Jesus dos dias de hoje não agem como ele".⁶ Esse comportamento escandaloso ridiculariza Cristo, prejudica o evangelismo e destrói a credibilidade do cristianismo.

Se quisermos que a fé cristã vital sobreviva, temos de entender a profundidade da crise, descobrir suas causas e desenvolver ações corretivas fiéis e obedientes. É isso que este livro busca fazer. O capítulo 1 discorre sobre a extensão do escândalo. O capítulo 2 contrasta a nossa desobediência com o ensino bíblico sobre o poder maravilhoso, transformador e santificador da fé genuína em Cristo e da união com ele. Os capítulos 3 e 4 exploram as causas que estão no cerne do escândalo e os fundamentos bíblicos que podem corrigi-lo. Finalmente, o capítulo 5 aponta para alguns raios de esperança. Minha oração é que, assim como *The Scandal of the Evangelical Mind* (O Escândalo da Mente Evangélica), de Mark

Noll, contribuiu para fortalecer o *pensamento* evangélico, *O Escândalo do Comportamento Evangélico* renove a resolução evangélica de *viver* aquilo que pregamos.



1.

A PROFUNDIDADE DO ESCÂNDALO

Os cristãos evangélicos estão aderindo a estilos de vida hedonistas, materialistas, egoístas e sexualmente imorais com a mesma propensão que o mundo em geral.

MICHAEL HORTON

QUÃO RUINS estão as coisas? Qual a profundidade do escândalo? A menos que encaremos essas questões com verdadeira honestidade, jamais poderemos esperar que o problema seja corrigido.

Quer o assunto seja divórcio, materialismo, promiscuidade sexual, racismo, abuso físico no casamento ou negligência à visão de mundo bíblica, pesquisas apontam para uma

desobediência gritante e generalizada a exigências bíblicas morais por parte daqueles que se dizem evangélicos, cristãos nascidos de novo. As estatísticas são devastadoras.

DIVÓRCIO

Em uma pesquisa de 1999, George Barna constatou que, nos Estados Unidos, o percentual de cristãos nascidos de novo que haviam se divorciado era um pouco *maior* (26%) que o de não-cristãos (22%).¹ Na pesquisa de Barna, desde meados dos anos 90 esse número tem permanecido o mesmo.² Em agosto de 2001, uma nova pesquisa demonstrou que a taxa de divórcio era a mesma para os cristãos nascidos de novo e a população em geral; 33% dos cristãos nascidos de novo haviam se divorciado em comparação com 34% de norte-americanos não-nascidos de novo — uma diferença estatística insignificante. Em outro estudo Barna constatou também que 90% de todos os nascidos de novo divorciados se separaram *depois* de terem aceitado a Cristo.³

Barna faz uma distinção entre cristãos nascidos de novo e evangélicos. Ele classifica como nascidos de novo todos os que dizem "que fizeram um compromisso pessoal com Jesus Cristo, que ainda é importante em suas vidas hoje", e que afirmam crer que "quando morrerem, irão para o céu porque confessaram seus pecados e aceitaram Jesus Cristo como seu Salvador".⁴ Na pesquisa de Barna, entre 35% e 43% da população norte-americana é nascida de novo por atender a esses critérios.

Barna limita o termo "evangélico" a um grupo muito menor — apenas 7% a 8% da população norte-americana. Além de atender aos critérios relacionados aos nascidos de novo, os

evangélicos devem concordar com vários outros pontos, como: Jesus viveu uma vida sem pecado; a salvação eterna é por meio da graça e não de obras; os cristãos possuem uma responsabilidade pessoal de evangelizar os não-cristãos; Satanás existe. Essa definição, claro, identifica um grupo de cristãos muito mais bíblico teologicamente, ortodoxo.

De acordo com uma pesquisa de Barna, em 1999 a taxa de divórcio entre os evangélicos era a mesma da média nacional! Ou seja, 25% dos evangélicos — assim como 25% da população — se divorciaram.⁵ Não faz diferença para os evangélicos que o Senhor e Salvador deles tenha condenado o divórcio explícita, clara e repetidamente?

Vocês não leram que, no princípio, o Criador "os fez homem e mulher" e disse: "Por essa razão, o homem deixará pai e mãe e se unirá à sua mulher, e os dois se tornarão uma só carne"? Assim, eles já não são dois, mas sim uma só carne. Portanto, o que Deus uniu, ninguém separe.

Mateus 19.4-6, NVI

O professor Brad Wilcox, sociólogo cristão formado em Princeton e especializado em temas familiares, tem estudado dois grupos de dados nos Estados Unidos: a Pesquisa Social Geral e a Pesquisa Nacional de Famílias e Donas-de-Casas). O resultado mostra que, "comparados ao resto da população, os protestantes conservadores têm *mais* propensão a se divorciar". Ele destaca também que as taxas de divórcio são mais altas no sul dos Estados Unidos, onde os protestantes conservadores são mais numerosos que em outras partes do país.⁶

Em 2001, uma reportagem no *The New York Times* realçou as conclusões de Wilcox sobre as altas e surpreendentes

taxas de divórcio no sul. Em muitas partes do chamado Cinturão da Bíblia, a taxa de divórcio se mostrou "aproximadamente 50% *acima* da média nacional" (ênfase acrescentada).⁷ O governador Frank Keating, de Oklahoma, destacou a ironia de que essas altas taxas de divórcio existam em seu Estado, onde 70% das pessoas vão à igreja no mínimo uma vez por semana. Ele concluiu: "Essas taxas de divórcio são um indício daquilo que *não* está sendo dito nos púlpitos".

MATERIALISMO E O POBRE

John e Sylvia Ronsvalle têm analisado cuidadosamente os padrões de contribuição financeira dos cristãos norte-americanos nos últimos 30 anos. O relatório anual *A Situação da Oferta dos Cristãos*, de autoria dos pesquisadores, é o mais indicado para se saber o quanto os cristãos nos país mais rico da história de fato contribuem. Na edição mais recente do relatório, há informações detalhadas sobre o padrão de contribuição individual dos membros das igrejas nos Estados Unidos de 1968 a 2001. Durante esses trinta e poucos anos, a renda média dos cristãos norte-americanos cresceu muito, é claro. Mas isso não se refletiu em suas ofertas. O relatório mostra que, proporcionalmente, quanto mais ricos ficavam, menos contribuía.

Em 1968, o membro de igreja doava em média 3,1% de sua renda — menos de um terço do dízimo. Esse número diminuiu ano após ano durante a década de 90, e então subiu ligeiramente para 2,66% — aproximadamente um quarto do dízimo.⁸

Ainda mais interessante é o que aconteceu com a contribuição evangélica. Os Ronsvalles comparam a contribuição financeira